

A TEORIA DE MELANIE KLEIN, Através de um trecho de "O Pequeno Príncipe" ¹

Maria Antonieta Carbonari de Almeida ²

RESUMO

O objetivo do presente trabalho é focalizar a teoria de Melanie Klein, que propõe que o desenvolvimento emocional e mental da criança compreende duas atitudes distintas frente ao objeto - posição esquizo-paranóide e posição depressiva.

A partir da análise de um trecho de "O Pequeno Príncipe", de Saint-Exupéry, identificamos os mecanismos de defesa utilizados na posição esquizo-paranóide, para que servem e suas conseqüências no desenvolvimento da personalidade. O mesmo trecho, concomitantemente, é base para a apresentação do conceito de mundo interno, de Melanie Klein.

1. INTRODUÇÃO

Melanie Klein propõe que o desenvolvimento emocional e mental da criança compreende duas atitudes distintas frente ao objeto, por ela denominadas **POSIÇÃO ESQUIZO-PARANÓIDE** e **POSIÇÃO DEPRESSIVA**.

O termo **posição**, de acordo com Segal (1975:11), enfatiza que tal atitude não é simplesmente um "estágio" passageiro ou uma "fase". **Posição** "implica em uma configuração específica de relações de objetos, ansiedades e defesas, que persistem durante toda a vida".

As duas posições podem ser consideradas como subdivisões da fase oral proposta por Freud:

➔ a **POSIÇÃO ESQUIZO-PARANÓIDE** se manifesta inicialmente nos primeiros três ou quatro meses de vida e "caracteriza-se pelo fato de as crianças não tomarem conhecimento das pessoas, mantendo relacionamentos com objetos parciais, e pela prevalência dos processos de divisão (splitting) e de ansiedade paranóide".

➔ a **POSIÇÃO DEPRESSIVA** se manifesta, pela primeira vez, entre os seis e doze meses de vida e seu início "é marcado pelo reconhecimento da mãe como uma pessoa total; caracteriza-se pelo relacionamento com objetos totais e pela prevalência da integração, ambivalência, ansiedade depressiva e culpa".

Segal (1975:11) destaca que o indivíduo nunca sai de uma dessas duas posições: a posição esquizo-paranóide nunca é superada pela posição depressiva, uma vez que as "defesas contra o conflito depressivo provocam uma regressão aos fenômenos esquizo-paranóides".

1 Trabalho apresentado à disciplina Psicologia da Personalidade II - Analítica (junho/93).

2 Aluna do curso de Psicologia do CESUON.

Quando da **posição esquizo-paranóide**, a criança manifesta hostilidade contra a mãe. Se a mãe satisfaz as necessidades instintivas da criança, ajuda-a a superar seus impulsos agressivos - a união de amor e temor leva à formação de superego já nos primeiros meses de vida.

Entretanto, o temor dos próprios impulsos destrutivos conduz à projeção. A criança teme a mãe, supostamente hostil, e deseja degluti-la. Com isso, produz-se nova crise: **posição depressiva**.

A criança acaba por perceber que sua mãe é, simultaneamente, boa e má e interioriza o seio bom e o seio mau - todo prazer é atribuído ao primeiro, toda frustração ao segundo (seio perseguidor).

2. " O PEQUENO PRÍNCIPE " e a posição esquizo-paranóide.

Na história de Saint-Exupéry, **O Pequeno Príncipe**, lemos que o menino, personagem principal do livro, veio de um planeta muito pequeno, um asteróide pouco maior que uma casa:

" O solo do planeta está infestado. E um baobá, se a gente custa a descobri-lo, nunca mais se livra dele. Atravanca todo o planeta, perfura-o com suas raízes. E se o planeta é pequeno e os baobás numerosos, o planeta acabará rachando". (pp. 23 e 24)

" É preciso que a gente se conforme em arrancar os baobás logo que se distinguem das roseiras com as quais muito se parecem quando pequenos". (p.24)

O trecho citado de **O Pequeno Príncipe** relaciona-se com a posição esquizo-paranóide, cujo conceito já foi exposto.

Convém ressaltar que tal atitude é normal, não é patológica nem um caso de psicose.

Deve-se entender que a **posição esquizo-paranóide** como uma condição para um determinado momento, independente da idade, ela é uma condição de desenvolvimento.

O nome foi escolhido para dar conta de dois aspectos, expostos por Segal (p.38):

" O estado do ego e de seus objetos é caracterizado pela divisão (splitting), que é esquizóide".

☛ predomínio de uma ansiedade paranóide que se caracteriza pela percepção de que "o objeto ou objetos perseguidos entrarão no ego e dominarão e aniquilarão tanto o objeto ideal quanto o eu (self)."

Em palavras mais simples, na posição esquizo-paranóide, a pessoa sente-se ameaçada. No texto de Saint-Exupéry, o próprio vocabulário já revela a "ameaça" sentida pelo Pequeno Príncipe, através de:

☛ um adjetivo como "infestado", que quer dizer "assolado, invadido";

➤ verbos como "atравancar", "perfurar", "rachar";

➤ contraste entre o tamanho do planeta e a quantidade de baobás ("planeta pequeno" X "baobás numerosos").

Entendemos os baobás como representação da realidade externa, "ameaçadora" por provocar um desequilíbrio no planeta e por destruir o bem-estar das pessoas.

A ameaça liga-se ao instinto de morte, que tem o seu medo original "transformado em medo de um perseguidor" (Segal:37). Tanto é assim que, no texto, o Pequeno Príncipe diz que "é preciso que a gente se conforme em arrancar os baobás", o que confirma as palavras de Segal (p.37):

"parte do instinto de morte /... / é convertida em agressividade dirigida contra os perseguidores".

3. A NOÇÃO DE MUNDO INTERNO, DE MELANIE KLEIN.

O recém-nascido, segundo Klein, já apresenta um ego (bastante frágil, desorganizado, mas com tendência à integração) que vivencia a **ansiedade** decorrente do conflito entre *instinto de vida e instinto de morte* e que também dá margem à **fantasia**. Seu **mundo interno** é permeado de ansiedade, inveja, fantasia, das quais o bebê (e posteriormente o adulto) se afasta mediante os mecanismos de defesa.

Para nós, **fantasia** é uma realidade interna; é a interpretação pessoal daquilo que foi vivido. Com termos técnicos, Cabral e Nick (1992:137) definem fantasia como "formação de imagens mentais de cenas ou, com frequência, de seqüências de eventos ou experiências que realmente não aconteceram ou que se passaram de modo consideravelmente diverso do fantasiado".

Para este trabalho, é importante considerar o conceito de **fantasia inconsciente**, que vem a ser uma das bases da técnica pelo brinquedo.

Para Melanie Klein (apud Cabral e Nick:138), a fantasia inconsciente é um "processo dinâmico, visto que está impregnada de energia dos impulsos instintivos, influenciando o desenvolvimento dos mecanismos do ego", sendo que tal processo "envolve a relação da criança com os seus objetos". Estes objetos são internos (não esqueçamos: é um bebê, com poucos meses de vida; ele nem sequer diferencia a sua mãe de si mesmo); além disto, a fantasia inconsciente é "a mais primitiva de todas as formações psíquicas, inerentes à operação dos impulsos instintivos".

Apesar da fantasia, aos poucos, o mundo interno vai-se impregnando de inveja, que é basicamente uma relação de objeto parcial. No caso do bebê, ele idealiza o seio (objeto parcial) e não a mãe (objeto total). A base dessa idealização do seio é a satisfação - o "seio bom" torna-se o objeto ideal, que dá origem à inveja.

A inveja é apontada por Melanie Klein como um sentimento necessário e normal, porque indica que há um ideal, "algo melhor" a ser alcançado. No primeiro ano de vida, a inveja é vivida na fantasia. Com o desenvolvimento da criança, a inveja tende a destruir

o objeto ideal e a criança torna-se uma pessoa amadurecida, não mais preocupada com comparações.

Riviere (1975:43) associa a inveja à falta de amor, ao ódio. Segundo ela, a "necessidade de assegurar-se contra prejuízo ou perigos internos e externos induz certas pessoas a acumular e armazenar todas as coisas boas de que conseguem lançar mão" - o que pode levar à inveja, já apontada anteriormente como uma relação de objeto parcial.

Relacionando esse mundo interior com o exposto anteriormente (v.2), observamos a presença de:

☛ *ansiedade paranóide, percebida pela fantasia de ameaça, em que os baobás iriam "atransar todo o planeta";*

☛ baobá = objeto persecutório, "seio mau";

☛ fantasia de destruição do ego, em que os baobás seriam as fantasias inconscientes vividas pelo personagem e o planeta representaria o seu mundo interno;

☛ "arrancar os baobás" - crescer, conhecer o princípio da realidade;

☛ roseira = objeto ideal; "seio bom", que vai dar origem à inveja.

4. MECANISMO DE DEFESA

Em Psicanálise, mecanismo designa os padrões de reação semi- automática aos complexos emocionais reprimidos, os quais são determinados inconscientemente. O conhecimento dessa motivação interior, responsável pelo comportamento de uma pessoa, só é revelado pela análise.

Os mecanismos de defesa são usados, portanto, para o indivíduo se defender... de seus conflitos, de suas angústias. Como vimos demonstrando, na posição esquizo-paranóide o bebê (e posteriormente o adulto) sente-se ameaçado pelos "objetos perseguidores" que dominarão e aniquilarão o objeto ideal (fantasia inconsciente, 3.2).

De acordo com Segal (1975:36), para Melanie Klein, "no nascimento já existe ego suficiente para experimentar ansiedade, usar mecanismos de defesa e formar relações de objeto primitivas na fantasia e na realidade".

Segal destaca (p.14) que as defesas são erguidas primariamente contra a agressividade e a ansiedade características da posição esquizo-paranóide. Os mecanismos de defesa utilizados nessa posição estão naturalmente ligados às suas características. São eles:

☛ SPLITTING (processos de divisão)

Para Segal (p.37), "bastante cedo, o ego tem uma relação com dois objetos /.../ o seio ideal persecutório".

A vivência dessa fantasia dá origem à capacidade discriminatória entre aquilo que é bom, que satisfaz e aquilo que é mau, que frustra (seio X seio mau).

A partir dessa divisão, desencadeia-se toda uma seqüência de mecanismos de defesa:

➔ INTROJEÇÃO

A criança tende a incorporar o que é bom e o objeto ideal (inicialmente, o "seio bom") passa a fazer parte de seu mundo interior.

A introjeção diz respeito à transferência para si mesmo de elementos da personalidade de outro.

➔ PROJEÇÃO

O "seio mau" é sentido como um objeto perseguidor, sendo uma ameaça à tranqüilidade do bebê.

Segal (p.38) afirma que nem sempre é introjeção do bom e projeção do mau, pois a nível de fantasia o bebê percebe "uma esmagadora maldade interna". Para conseguir o controle do "seio bom" e do "seio mau", a pessoa utiliza-se da projeção e da introjeção para "manter os objetos perseguidores e ideais afastados o máximo possível uns dos outros".

No desenvolvimento da personalidade, esses dois mecanismos de defesa têm por consequência "sentimento de ameaça externa" e "temores de natureza hipocondríaca" (p.38).

➔ IDENTIFICAÇÃO

Tal mecanismo é posterior à introjeção, pois tenta-se ser como o objeto ideal, como o "seio bom".

Essa identificação com o objeto ideal é básica para a formação da personalidade, bem como para o desenvolvimento da pessoa.

Nosso comportamento pode ter como motivação interna uma identificação de que nem temos consciência ...

➔ IDENTIFICAÇÃO PROJETIVA

Como o nome indica, há a união de mecanismos de defesa já apresentados.

Segundo Segal (p.39P, observa-se que, na identificação projetiva, "partes do **eu** e objetos internos são expelidos e projetados no objeto externo, o qual então se torna possuído e controlado pelas partes projetadas identificando-se com elas".

Entre as conseqüências da utilização desse mecanismos de defesa, destacamos:

- evitar a separação do objeto ideal;
- "controlar" a fonte de perigo, as ameaças externas representadas pelo objeto mau;
- projeção de parte más do **eu**: "ele é que é orgulhoso, e não eu".

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CABRAL, Álvaro; e NICH, Eva. Dicionário técnico de psicologia. São Paulo: Cultrix, 1992.
- KLEIN, Melanie; e RIVIERE, Joan. Amor, ódio e reparação. Rio de Janeiro: Imago, 1985.
- SEGAL, Hanna. Introdução à obra de Melanie Klein. Rio de Janeiro: Imago, 1975.